

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Memória Petrobrás (MPET)

Petrobras: de “timidazinha” à potência internacional.

História de [Leila Maria Carrilho](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 24/01/2021

Projeto Fundação Banco do Brasil

Realização Instituto Museu da Pessoa

Entrevista de Leila Carrilho

Entrevistada por Márcia de Paiva

Rio de Janeiro, 27 de abril de 2005

Código: MPetTrab_TM015

Transcrito por: Écio Gonçalves da Rocha

Revisado por Jordana de Oliveira Pradal

P/1 – Bom dia.

R – Bom dia.

P/1 – Eu gostaria de começar pedindo que você nos diga seu nome completo, local e data de nascimento.

R – O meu nome é Leila Maria Carrilho. Quando ingressei na Petrobras eu tinha o nome de casada e era Leila Maria Carrilho Ásfora (?). Eu ingressei na Petrobras, quer dizer, no sistema Petrobras, em 12 de junho de 1972. Foi o primeiro concurso que a Braspetro [Petrobras Internacional] realizou. A Braspetro tinha sido criada no dia 5 de abril de 1972 e então houve a necessidade de fazer um recrutamento de secretárias executivas com proficiência em inglês e francês. Foi realizado um concurso entre várias secretarias e três foram aprovadas, uma para secretaria do vice-presidente - que foi inclusive o idealizador e criador da Braspetro, Dr. Dionísio Barroso - e pra mais dois diretores. E eu fui selecionada para ser a secretária, depois daquela filtragem toda, do diretor da área econômica comercial financeira, que é o Carlos Santana, uma pessoa bastante conhecida também, de muitos anos de Petrobras.

P/1 – Que foi presidente?

R – Foi presidente. E eu trabalhei com ele 18 anos como secretária.

P/1 – Como secretária? E eu queria te perguntar então: você parece ter uma história, como é que é a história da carteira número dois?

R – É interessante porque, como foi a Braspetro - no seu início obviamente-, o seu corpo técnico eram empregados de órgãos técnicos cedidos da Petrobras, porque não havia no mercado de trabalho. Obviamente a Petrobras era estatal, então o corpo técnico tinha que ser da Petrobras,

mas houve a necessidade de recrutamento de mão de obra da linha administrativa, digamos, né, financeira. E, por coincidência, eu fui a matrícula número um. Na verdade matrícula um é meio mentirinha, porque a um fica no Ministério do Trabalho. A minha matrícula é a dois, mas eu sou chamada a número um. E eu era muito nova, tinha 21 anos. Alguns anos depois, eu soube que o vice-presidente...ele mesmo relatou, ele ficou muito preocupado porque, quando apresentaram as três últimas finalistas de toda aquela filtragem e aquele processo todo de seleção, eles não se deram conta que eu era tão nova, que eu tinha 21 anos. O que eles chamaram a atenção foi quando, no preenchimento da ficha, eu já era casada. Eu era recém-casada, tinha casado em maio e ingressei na Braspetro em junho. Quer dizer, eu estava praticamente em lua de mel e acho que eles ficaram muito assim ligados pelo fato de eu ser casada. E eu me lembro que fiz uma foto, assim, pra carteira de trabalho com uma roupa bem caretinha, que não seria uma roupa de uma menina adolescente, pra justamente parecer mais velha. E ele ficou meio intrigado, tanto que ele mesmo quis me entrevistar e não caberia a ele me entrevistar, uma vez que eu já teria sido entrevistada e aprovada pelo diretor que tinha autonomia pra isso. Mas ele quis me entrevistar. E aí ele me pediu, o pessoal depois riu muito da história. Com o tempo, distanciamento histórico dos fatos, você começa a rir da história. Aí ele me pediu: “A ‘senhõra’...” Ele não falava senhora, ele era baiano: “A ‘senhõra’ é casada?” Eu falei: “Sim.” “E a ‘senhõra’ tem a certidão de casamento para me mostrar?” Olha que coisa absurda, né? Eu tive que... por sorte eu estava trocando os documentos, porque eu era recém-casada e tinha dentro de minha bolsa a certidão de casamento e mostrei à ele. Isso aí foi um fato, assim, que deixou ele bem tranqüilo. Depois ficou intranqüilo de novo, ele perguntou: “E seu marido? Ele é da Petrobras?” Eu falei: “Não, ele é jornalista.” Nós estamos falando dos anos 1970, jornalistas não eram pessoas muito queridas, né? E aí ele perguntou: “De que jornal?” Aí ele relaxou um pouco: “Do O Globo”. Aí ele deu uma relaxada, que era um jornal que estava mais ou menos, entre aspas, com a situação daquela época.

P/1 – E deixa eu te perguntar. E aí como é que foi esse princípio da Braspetro, também? Foram poucos funcionários? Você foi a número dois, mas era um grupo pequeno? Como é que foi isso?

R – Muito pequeno, era um grupo muito pequeno. Nós ocupávamos apenas dois andares de um prédio pequeno que ficava ali na Praça Pio X, Edifício Ultramarino. Era... eu me lembro assim, que nos primeiros dias, nos primeiros meses, nós éramos no máximo umas 30 pessoas, se tanto, um grupo muito pequeno. Nós todos nos conhecíamos com muita intensidade, o que não acontece hoje em dia. E também havia o grupo que ia já pro exterior. Tinha um grupo no exterior, mas eram poucos países que a Braspetro atuava. Eu me lembro que, quando eu entrei na Braspetro, havia só atuação no Iraque, na Colômbia e Madagascar, e isso bem no início. Depois começou a vir aquela crise, a grande crise de abastecimento de petróleo no mundo, todo aquele conflito árabe israelense. Aí começaram a sentir necessidade de prospectar em outros países para suprir o mercado, e ainda não havia essa quase obtida autossuficiência de petróleo. Então começaram a fazer, a criar escritórios na Argélia, Irã, Líbia e em Angola. E aí que começou a intensificar mais essa atividade e também começaram a vir os sucessos. Daí o grande sucesso, assim que nós todos... isso você já deve ter ouvido de outros colegas nos depoimentos, foi a descoberta do Maginon (?) que foi um momento assim de muita alegria, de muita emoção. E todos nós nos lembramos... quer dizer, quem participou, assim, mais ativamente, porque foi no tempo que as comunicações eram muito complicadas. Não haviam todos esses recursos. Então era o tempo do rádio, telex. Havia um código e você já deve saber a frase, quando descobriram Majnoon.

P/1 – Não, me conta.

R – Crioulo doido correndo no deserto. Foi um mega poço e era muito petróleo. Então, quer dizer, português já é quase um código, né, a língua portuguesa. E chamavam o petróleo de crioulo. Hoje em dia talvez fosse até uma coisa politicamente incorreta, mas não: era o crioulo, crioulo doido correndo no deserto. E essa frase foi, assim, _____, um momento de muita alegria quando chegou aquele rádio. Que não tinha essa facilidade de você ligar e nada, era tudo muito complicado.

P/1 – E vocês comemoraram ou teve uma...

R – Não tanto pela grandeza que foi o fato. A comemoração foi mais, assim, interna, mas sem brindes, nem nada. Também a empresa era muito séria: tem que lembrar que estávamos nos anos 1970, tudo era muito “quadradinho”. Mas talvez na rua os geólogos tenham comemorado, não sei. Mas assim, dentro do escritório não foi como seria hoje, em que a gente poria no rádio e todo mundo ia bater palma. Era um tempo diferente.

P/1 – Queria que também você me contasse... você contou da descoberta desse poço, eu queria que você me contasse também um outro momento, assim, até pra você mesmo, em termos da sua trajetória, o que você quiser escolher... ou da trajetória da Braspetro, como também outro fato que tenha te marcado, uma história que tenha acontecido, algo que tenha sido marcante também pra você.

R – É, tem coisas interessantes. Quer dizer, eu tenho dois momentos Petrobras, porque até 1989 eu fui secretária de diretoria e de presidência.

P/1 – Na Braspetro...permaneceu na Braspetro?

R – Não, não. Porque a Braspetro foi criada em 1976. Aí houve uma diretoria da Braspetro que foi crescendo tanto e, com a crise de abastecimento e com toda a dificuldade do Brasil, econômica.... Então o Diretor Comercial da Braspetro, com quem eu trabalhava, foi o idealizador da Interbras, que era a Petrobras Comércio Internacional, uma trade... ou seja, então estabeleceu.... Nós temos café, soja, grão, de modo geral; já havia uma indústria boa, a automobilística e eletrodomésticos. E havia uma demanda muito grande desses países do Oriente Médio e África em que eles tinham petróleo mas não tinham, por exemplo, um fogão, um carro Volkswagen. Então foi criada a Interbras, que era pra fazer a tal da contrapartida, ou seja, os navios iam com petróleo... quer dizer, vinham de lá com petróleo e voltavam com grãos ou com equipamentos, eletrodomésticos e carros; e depois também começou a área de serviço. Então esses países estavam em crescimento; alguns tinham adquirido independência, tipo a Angola; de um modo geral são países da África. E então eles também levavam serviço, iam construir pontes, viadutos e hotéis, enfim, a engenharia civil da Petrobras, expertise da Petrobras foi pra lá até pra construir refinarias e tudo mais.

P/1 – E aí você foi trabalhar...

R – E fui pra Interbras. Aí em 1976 essa diretoria toda da área comercial da Braspetro foi, entre aspas, demitida, e no mesmo dia admitida na recém criada Interbras, que era Trade in Company, mas que em 1990, no governo Collor, foi extinta.

P/1 – A Interbras?

R – A Interbras foi extinta assim como a Petromisa [Petrobras Mineração S.A], que era uma outra subsidiária da Petrobras para mineração.

P/1 – E aí, o pessoal da Interbras foi demitido ou foi agregado aos quadros da Petrobras de novo?

R – Não, todo o pessoal da Interbras, em 1990, foi demitido, mas eles serão reintegrados agora.

P/1 – Mas você chegou a ser demitida?

R – Não, não. Pois é, porque aí aconteceu o seguinte: de 1972 a 1976, eu fui Braspetro. De 1976 até 1979 eu fui Interbras. Quando, em 1979... o diretor com o qual eu trabalhava, o Carlos Santana, ele foi designado, denominado diretor da Petrobras. Nisso eu e o Presidente da Interbras... porque, naquela época, sempre o diretor de uma área era o presidente de uma subsidiária. Então havia cinco subsidiárias e cinco diretores, e essas presidências subsidiárias eram ocupadas pelos diretores dessas diferentes áreas de atividades da Petrobras _____. Então ele foi ser Presidente da Interbras, mas fisicamente, como ele era diretor da Petrobras, eu vim para o Edise [Edifício Sede]. E nessa que eu vim para o Edise, já havia, assim, uma demanda de mão de obra de secretária executiva bilíngue, trilingue no meu caso. E aí a minha matrícula, eu perdi a minha matrícula dois, e aí eu vim ter a matrícula com a qual eu me aposentei, que é a matrícula da Petrobras. Enfim, eu passei por duas subsidiárias e pela Holding, que é a Petrobras, pela qual sou aposentada.

P/1 – Mas aí você se aposentou pela Petrobras mesmo?

R – Pela Petrobras sim, porque em 1979 eu ingressei na Petrobras e me aposentei em janeiro de 2001.

P/1 – E aí então, voltando à pergunta, tem alguma história, algum fato que tenha te marcado mais assim?

R – Tem muitas histórias interessantes. Bom, como teve essas fases que... digamos, dois terços da minha vida na Petrobras foi de secretaria. E naquele tempo até o layout das empresas era diferente do escritório. Então a sala de secretária, principalmente numa área internacional, era sala de espera do visitante. Porque você não podia botar numa sala de espera diferentes raças porque às vezes havia desafetos entre eles. Então a sala da secretária era a sala de espera até chegar à sala do presidente. Às vezes por algum motivo, do presidente, diretor, seja lá do... por algum motivo, como um atraso, então ficava na sala. Isso veio ao encontro, assim, de um desejo pessoal meu, porque o meu projeto de vida, quando eu estava terminando o curso de Humanidades e Letras - naquele tempo você podia escolher clássico ou científico-, eu queria fazer diplomacia. Mas como eu casei muito nova, com 21 anos, aí a diplomacia tornou-se inviável. Mas eu sempre fui, assim, fascinada pela área internacional. E aí eu achei interessante que eu tive a oportunidade, numa sala em que eu tinha uma paleta enorme com o mapa mundi... e era aquela alegria de você ir botando aqueles “pinzinhos” em todos os países que a Braspetro começou a atuar. Mas, ao mesmo tempo, então eu senti assim: “Bom, eu acho que estou aqui...de uma certa maneira, eu mesma me dei um upgrade. Acho que eu sou aqui meio diplomata.” Então eu tive essa visão que foi, talvez, o que me deu muito crescimento profissional e até pessoal, pelo fato de eu falar inglês e francês. Então todo visitante que chegava lá era uma autoridade, era um _____ dele, do diretor e outras empresas estatais de petróleo, com muito mais tradição e com muito mais potencial econômico. E então eu sempre procurava me interessar muito pelo que eles tinham me contado do país deles, da cultura. E também eu sempre procurei levar pra eles o que era o Brasil. É aquela velha frase do Tolstoi: “Para falar ao mundo, fale sobre a sua aldeia”. Então eu procurava me manter assim, bem atualizada da história mesmo, quer dizer, da história que a gente estudou no colégio, e captar também. Eu me lembro que foi uma coisa que eu me cobrei muito: assim que eu entrei na Braspetro e aí: “Ah, vamos atuar... estamos atuando no Iraque, Colômbia e tal, em Madagascar”. E aí me caiu a ficha e eu sabia que Madagascar era na África, mas eu não sabia que era uma ilha, eu achava que era continente. E aí, aquele mapa mundi, assim, me abriu muito. Então eu era uma menina, 21 anos. E você... eu começava a viajar com aquele mapa e também a prestar atenção de... por exemplo, houve situações...e esses árabes sempre levavam presentes, que é uma tradição muito do árabe. Eles presenteariam, não é com nenhum sentido de corrupção, mas de mostrar o país deles, é uma maneira muito afetuosa. Então eles traziam tâmaras, tapetinhos e aqueles adornos árabes e tal. E eu ia botando, assim, tudo sobre, tipo, um aparador. Mas eu tinha um cuidado: às vezes, quando eu sabia que vinha um país em que... primeiro que não podia deixar nenhuma deixa de que aquele país estava em negociação, porque também havia toda uma estratégia que...

P/1 – Política.

R – É e também você não podia abrir muito com quem a Petrobras estava negociando. Então às vezes eu tinha que correr e esconder. Mas houve uma situação que foi muito interessante e essa já foi mais recente. Quando ficou mais sério o conflito entre Irã e Iraque, tinha acabado de sair da sala do Presidente o Embaixador do Iraque, que deu ao Presidente uma bandeja lindíssima de prata com inscrições, que eu não sei dizer o quê que estava escrito ali. E ele, obviamente, colocou bem em destaque, sobre a mesa dele de trabalho. Nesse meio tempo, o pessoal do segurança avisou: “Ah, o diretor tal está subindo aí com o Embaixador do Irã, e mais o Presidente da Nioc [National Iranian Oil Company], que é a estatal do Irã. E o Presidente foi pro elevador para recebê-los e me lembrei, ele está ali com aquela bandeja do Iraque. Meus Deus do céu, o que eu fiz? Aí eu peguei a bandeja. Eu não poderia sair pela porta pela qual eles entrariam, que a porta de acesso era passar pela “secretagem” com aquela bandeja. Aí eu corri e fui pro banheiro, que o banheiro era contíguo ao grande salão do Presidente. Aí eu fiquei trancada lá, tranquei o banheiro, rezei pra ninguém querer ir ao banheiro, que era exclusivo do Presidente; no caso nem ele, nem o visitante. Fiquei dentro do banheiro com uma bandeja lá, com as inscrições do iraquiano. Então tem situações, assim, bem interessantes dessa vivência internacional.

P/1 – E você, depois que se aposentou, manteve o contato com a Petrobras? Como é que foi? Você se aposentou muito moça; em que ano você se aposentou?

R – Me aposentei em dezembro de 2000. Não era tão moça assim não. Se você fizer as contas... Mas até 1989 eu fui secretária. Aí, quando houve o Governo Collor, eu não quis mais ficar na presidência. Acho que nem preciso dizer os motivos, né? E enfim, e aí, como eu tinha também, de formação, Comunicação, e pelo fato de eu também ter o idioma inglês e francês... e dentro da Comunicação Institucional, que naquela época chamava-se Ecom [Estudo de Comunicação com o Mercado], havia a assessoria internacional. E então eu fui pra assessoria internacional, onde exerci o cargo de relações públicas. Então eu fazia todo o receptivo de delegações estrangeiras e organizava os eventos, quer dizer, colaborava na organização, junto com a equipe, dos eventos internacionais que a Petrobras sediava no Brasil ou aos quais a Petrobras era representada também no exterior. E isso, eu exerci essa função de 1990 até 1996 na comunicação institucional chamada hoje em dia. Aí em 1996 aconteceu uma coisa muito interessante: eu fui designada, convidada para ser Secretário Geral da Braspetro, a subsidiária na qual eu ingressei no sistema Petrobras. Então eu sempre brinco que eu saí do feminino, secretária, para virar secretário geral, que é o cargo do doutor Cícero, aquele senhor. Eu sucedi o doutor. Cícero, que se aposentou. E aí eu falei: “Bom, agora eu perdi o feminino porque, de acordo com a ABNT [Associação Brasileira de Normas Técnicas], secretário não tem, não passa pelo gênero feminino. Então eu passei a ser Secretário Geral e cumulativamente na Braspetro as ações de relações públicas na área internacional. Então, de 1996 a 1999, eu exerci essas duas funções na Braspetro, eu fui cedida. E aí, em 1999 voltei. Quando veio, o _____ tomou posse, e aí ele sentiu necessidade de alguém pra ficar cuidando da área de cerimonial e protocolo, que aí já tinha se tornado uma expertise, digamos, minha. E aí eu fiquei de 1999 até 2001, nessa área de cerimonial e protocolo para a presidência.

P/1 – Para a Petrobras, para a presidência geral.

R – E bom, aí eu tive oportunidade de fazer uns cursos no Itamaraty, estágios. Não bem curso, estágios; e também fiz alguns cursos, assim. E hoje em dia eu trabalho com isso: eu tenho uma empresa, uma microempresa, de organização de eventos corporativos, cerimonial, protocolo, e trabalho muito para a Petrobras.

P/1 – É isso que eu ia perguntar.

R – Petrobrás, IPP [Incapacidade Permanente Parcial], enfim, esse mundo de petróleo. E ontem, particularmente, foi, assim, um dia muito feliz, de ver como a Petrobrás cresceu. Ontem, não sei se vocês sabem, foi realizado de sábado até ontem o Terceiro Fórum das Empresas Estatais de Petróleo. Esse fórum é novo, a terceira edição foi essa, realizada no Brasil. Porque as empresas estatais de petróleo... ainda eu pensei que houvesse menos, mas são, ainda existe quase 40 empresas de petróleo estatais, elas sentiram que havia necessidade de um momento, de um espaço só pra elas, sem as empresas privadas, sem desmerecer, sem Esso, Texaco, _____, em que houvesse só o assunto delas. O DNA [deoxyribonucleic acid] delas é o mesmo. Então a Petrobras foi a anfitriã, foi eleita para ser a anfitriã. É um fórum que se realiza de 18 em 18 meses, e o Brasil foi o país anfitrião, no caso a Petrobras. A primeira edição foi na Argélia, uma vez que o idealizador foi o Ministro do Petróleo da Argélia; a segunda edição foi na Noruega, em Stavanger, e a terceira foi no Brasil e foi um sucesso. E eu fiquei, assim, muito orgulhosa; teve momentos que eu sentei lá no fundo das plenárias. e as apresentações da Petrobras foram brilhantes. Então a gente viu, sabe, que uma empresa que começou meio “timidazinha”, né? Havia um pouquinho de complexo: “Eu sou tão pequena no mundo internacional”. E depois você vê a autoridade, o reconhecimento da Petrobras no mundo internacional, porque estavam ali reunidos 23 presidentes das maiores empresas de petróleo do mundo, e a Petrobras assim, par a par com eles, sabe, não só na produção mas como também em todo comprometimento dela com responsabilidade social e todo o sucesso da tecnologia. E todos ávidos em conhecer a empresa, em visitar Urucu, que eles acham, sabe, aquela atividade nossa em Urucu, maravilhosa. Visitar as plataformas, visitar o Cenpes [Centro de Pesquisas Leopoldo Américo Miguez de Mello]. Então a gente virou, assim, modelo padrão _____ pra eles. Eu vi ela começando, e a gente fazia o _____ delas. E hoje em dia elas vêm fazer o _____ na gente.

P/1 – Inverteu, né?

R – Foi muito bonito, muito bonito mesmo. E também o fato da Petrobras, isso foi mencionado, ela faz parte do Global Compact. E são poucas empresas no mundo que estão, que aderiram e a Petrobras foi uma delas. Aí eu fiquei, assim.. foi um momento de glória, sabe? Eu fiquei pensando: Pra quem, há 33 anos atrás, viu uma empresinha, assim, “modestazinha”, ainda botando o pezinho fora do mundo, ainda tirando o seu passaportezinho com dificuldade, e de repente ontem toda aquela grandeza dela, assim. Foi muito bonito.